

ARTIGOS

SÔBRE A CRONOLOGIA DA ANÁBASE DE CIRO E A IDADE DE XENOFONTE.

No capítulo relativo a Xenofonte depara-nos Diógenes Laércio (II 55) êste período:

ἤκμαζε δὲ κατὰ τὸ τέταρτον ἔτος τῆς τεταρτῆς καὶ ἐνενηκοστῆς Ὀλυμπιάδος καὶ ἀναβέβηκε σὺν Κύρῳ ἐπὶ ἄρχοντος Ξεναιέτου ἐνὶ πρότερον ἔτει τῆς Σωκράτους τελευτῆς.

Para êsse tópicó oferece Hicks (**Diog. Laër.**, Loeb Cl. Lib., I 1925, p. 185) a versão seguinte: "He flourished in the fourth year of the 94th. Olympiad, and he took part in the expedition of Cyrus in the archonship of Xenaenetus in the year before the death of Socrates".

Diz o mesmo, em substância, a tradução de Masqueray (**Xénéphon. Anabase.** Budé, I 1930, p. XIX): *ἀκμή* trombe dans la quatrième année de la quatre-vingt-quatorzième Olympiade (= 401 av. J. C.) et il prit part à l'expédition de Cyrus sous l'archontat de Xénainétos, un an avant la mort de Socrate".

Não difere a de Genaille (**Diog. Laër.**, Garnier, I p. 105): "Il avait quarante ans vers la quatrième année de la quatre-vingt-quatorzième olympiade, il fit l'Anabase avec Cyrus sous l'archontat de Xénainète, un an avant la mort de Socrate".

Dois fatos, como se vê, menciona o Laércio nesse passo: o ano em que Xenofonte cumpriu os quarenta anos de vida e a época em que realizou com Ciro, filho de Dario e Paríatis, a anábase da expedição dêste contra o irmão, o reinante Artaxerxes Mnêmon.

Encerram ambos matéria rica de interêsse para a história como para a filologia. Proponho-me examinar sucintamente um e outro, começando pelo segundo, cuja precedência se explica pela ordem do raciocínio adotado e dos elementos conferidos.

*
* *
*

Sócrates morreu na primavera de 399, provàvelmente durante a primeira metade da Targelião (maio), talvez a 7,

como conjectura Chaignet (*Vie de Socrate*, Par. 1868, pp. 276-277). Situam outros essa execução em junho, em março, em fevereiro. Em qualquer dessas hipóteses, ocorreu, porém, no ano I da 95.^a Ilímp., a qual tivera início em julho do ano de 400. E' por engano de cálculo ou descuido tipográfico que se vê, no mesmo autor (l. c.), a datação "ol. 95,2".

Da leitura da *Anábasis* (I 2-7) colhe-se a seguinte cronologia: Partindo de Sardes nos primeiros dias de março de 401 (Ol. 94.3), Ciro perdeu a vida seis meses depois, no combate que travou em Cunaxa, mal se hâvia iniciado o mês de setembro (Ol. 94.4). Nesse trajeto, com menos de três meses de marcha, saíra da Lídia, atravessara a Frígia e se detivera, por um dia apenas, ante a montanha do Tauro, muralha natural que fechava o território da Cilícia. Para penetrá-lo um só caminho era praticável, aberto em grande altura, intransponível, se defendido, porque ingremíssimo (2,21). Os cilícios não lhe ofereceram resistência e, assim, pôde superar, com facilidade, êsse obstáculo; pelo fim de maio ou comêço de junho. Ocupa em seguida, na vertente meridional, a cidade de Tarso, aí se detém vinte dias, chegando depois à beira do mar, no gôlfo de Isso, onde se deixa ficar três dias, na cidade dêsse nome, prossegue e, já em terras siríacas, demora-se mais sete dias no pôrto fenício de Miriandro (4, 6). Cêrca de quatro meses eram já então transcorridos desde a data da partida, o que significa estar-se a findar o mesmo junho ou ter apenas entrado julho. Com menos de duas semanas de marcha, atinge, pelo meado dêste ou pouco antes, em Tápsaco, o Eufrates (4, 11), cuja corrente seguiu até o sítio da batalha da sua morte.

Nesse percurso, o trecho ascensional mais considerável era, sem dúvida, o da escalada da cordilheira táurica. Talvez a isso se deva ajuntar o trajeto que levava do mar ao vale do grande rio. Tal foi a "anábase de Ciro", a subida que deu nome a tôda obra (1) onde ela se narra e mais os

(1). — Não são exatos Brownson nem Couvreur, o primeiro em *Xenophon. Hellenica VI-VII. Anabasis I-III*, Loeb 1944, 1a. impr. 1929, p. 231: "It will be seen that the title properly belongs only to the first part of Xenophon story"; o segundo em *Xenophon. Anabase*. Hachete 1918, p. XXII: "Come on le sait en effet, le mon d'Anabase (montée vers l'intérieur des terres) ne s'applique qu'au premier livre...". Não o são igualmente editôres como Hug (Teubner 1878) e Ottino & Bassi (Tur. 1911), que traduzem *Κύρου Ἀνάβασις* por "Expedito Cyri" Quando se referem a pessoas, *ἀναβαίνειν, ἀνάβασις* indicam simplesmente subir, caminhar para cima, sem tradução implícita da idéia de ir do lado do mar para o interior das terras. Se tal significado aparece é que resulta do outro, isto é, a penetração se realiza mediante ascensão. Os

sucessos subseqüentes, até o começo de 399. Também a **Ciro-pedia** (*Κύρον παιδεία*), do mesmo autor, abrange a vida inteira do outro **Ciro**, filho de Cambises e Mandane, inclusive o falecimento, e não só o período da infância e educação. Dêste apenas se ocupam, dentre os oito livros de que ela se entretece, alguns capítulos do L. I. Temos destarte que Xenofonte, convidado do príncipe e que em companhia dêle viajava, perfêz a anábase referida pelo Laércio no mesmo ano olímpico em que a começara (Ol. 94.3).

Do exposito resulta que as expressões “in the year before the death of Socrates” e “un an avant la morte de Socrate”, empregadas pelos tradutores acima, se mostram em conflito com a realidade histórica, visto como, ainda que, para argumentar, se admira ter durado a ascensão até chegarem a Cunaxa, nos primeiros dias de setembro, e ainda que se queira ter o filósofo por morto desde o fim de fevereiro de 399, muito mais do que um ano terá decorrido entre os dois acontecimentos.

O caso é que, a meu ver, as três citadas versões apresentam inteligência imperfeita para êsse trecho de Diógenes. O que êste disse foi que a anábase de Xenofonte ao lado de **Ciro** terminara **um ano antes do ano** da morte de Sócrates. Vimos que êste foi o ano Ol. 95.1 e que tivera início em julho de 400. Pois, desde um ano **antes dêsse início**, isto é, desde julho de 401, não desde um ano antes da morte do mestre, estava finda a ascensão. A idéia de **coisa consumada** está, sem equívoco possível, expressa no emprêgo do perfeito *ἀναβέβηκε*. E *ἔτι ἔπει πρότερον τῆς τελευτῆς* não significa **um ano antes da morte**, como traduziram, porém **um ano antes do ano da morte**.

Construções tais são chamadas **compendiárias** e aparecem em frases de valor comparativo. Homero tem, p. ex., na **II**.

exemplos são muito freqüentes para que se necessitem ser aqui conferidos. Claro e fácil se verifica que a anábase considerada na intitulação da obra não compreende o total da marcha, de Sardes a Cunaxa, pois, de Tápsaco para diante, acompanhando o rio, o exército inequivocamente descia. Embora lhe escapasse o rigor cronológico da informação de Diógenes, acertou Masqueray a escrever (o. l. p. 6): “Le titre d’Anabase, et il en est de même pour la Cyropédie, ne convient proprement qu’au début... Ou plus exactement jusqu’à ce que les Grecs arrivent à Thapsaque, sur l’Euphrates I 4,11.” Só mais tarde é que apareceu, por efeito da própria notoriedade da obra, a equivalência Expedição de **Ciro**. A história da campanha de Alexandre, a **Alexandri Anabasis** de Arriano (séc. II d. C.), tira o seu título da tradição literária, porquanto também o Macedônio, com o mesmo objetivo, transpôs o Tauro por aquêlê desfiladeiro da Cilícia, demorou-se em Tarso, desceu para o gôlfo de Issos. Demais, é bem visível nesse autor a imitação xenofôntica. Por antítese, uma vez que *ἀνάβασις* passara a designar a investida contra o Grande Rei, deu-se o nome de *κατάβασις* à operação inversa, à retirada dos Dez Mil. Assim a chama o autor da chave apócrifa da Anábase (VII 8,25), a qual, diferentemente de Masqueray, não reputo tirada do relato de Sofêneto ou de outro do tempo, mas simples resumo de época tardia.

XVII 51: αἵματι οἱ δέοντο κόμαι Χαρίτεσσι ὁμοίαι, **estavam embebidos de sangue seus cabelos semelhantes aos das Graças**, literalmente, **semelhantes às Graças**: E Tucídides em VIII 52: οἱ Πελοποννήσιοι λείοσι ναυὸν τῶν Ἀθηναίων, παρήσαν, **os peloponésios ali estavam com navios mais numerosos do que os dos atenienses**, literalmente, **mais numerosos do que os atenienses**.

*
* *
*

Genaille é, porém, correto e preciso quando traduz: “Il avait quarante ans...” O vb. ἀκμάζω, quando designa idade, aponta, com efeito, entre os antigos, sem exceção, os quarenta anos, a ἀκμή, isto é, a plenitude da excelência física, a qual, segundo entendiam, era então que se manifestava. Xenofonte se tornou quadragenário no curso do último quarto da 94a. Olímp., isto é, entre julho de 401 e julho de 400. Nascera, pois, entre julho de 441 e o mesmo mês do ano seguinte.

Foi Larcher quem primeiro se rebelou contra essa indicação. Em *L'Expédition de Cyrus dans L'Asie superieur et la Retraite des Dix Mille*, Par., 1778, I, p. XXIII e ss., argumenta no sentido de mostrar que não tinha o nosso estratego mais do que 26 ou 27 anos quando foi da famosa aventura. Depois dêle, outros se insurgiram, com não menor falta de razão, contra tão valioso testemunho. Dessas contraditas é a mais recente a de Masqueray, que assume no debate posição resoluta, escrevendo sôbre a cronologia de Diógenes (o. I., p. II): “Cela est impossible”. E convencido de que o futuro historiador dos Dez Mil tinha no outono de 401 mais idade do que pensava Larcher, porém menos de trinta anos (2), reproduz o raciocínio de que, entre os cinco estrategos vitimados pela infame cilada de Tissafernes (*An.* II 5, 16 e ss.), Ágias da Arcádia e Sócrates Aoueu eram homens de cêrca de trinta e cinco anos, enquanto Próxeno da Beócia não ultrapassara os trinta; não poderia, pois, Xenofonte aludir à própria idade como excusa para a não aceitação do comando da tropa até há pouco chefiada por aquêle. E conclui nestes têrmos: “Par conséquence... comment pourrait-il dire aux lochages de Proxène que son âge ne peut lui servir de prétexte pour refuser de remplacer son ami s'il avait déjà une dizaine d'années de plus que lui? Il faut au contraire qu'il soit plus jeune”.

Essa dedução me parece falha sob mais de um aspecto.

(2). — Também Brownson (o. I., p. 234): “At this time Xenophon was probably somewhat less than thirty years of age”.

O tópico em que, no pensar dos opositores do Laércio, o autor da *Anábasis* teria mencionado a possibilidade de recusar a chefia com a alegação de ser muito jovem, está redigido assim (III 1,25):

εἰ δ' ὑμεῖς τάττετ' ἐμὲ ἡγεῖσθαι οὐδὲν προῦασίζομαι τὴν ἡλικίαν, ἀλλὰ καὶ ἀκμάζειν ἡγοῦμαι ἐρύκειν ἀπ' ἐμαντοῦ τὰ κακά.

A estas palavras opôs o douto professor da universidade burdingalense a seguinte tradução: "...mais si vous m'enjoignez de me mettre à votre tête, mon âge ne m'est nullement un prétexte pour refuser, au contraire, j'estime avoir assez de maturité pour écarter les obstacles de ma route". Não cheio que se possa ter como diferente dessa a interpretação de Brownson, em *Xenophon. Hellenica VI-VII. Anabasis I-III*, p. 427 Loeb 1944, 1a. imp. 1921: "...but if you assign me the leadership, I do not plead my youth as an excuse; rather, I believe I am in the very prime of my power to ward off dangers from my own head". Parece claro que o tradutor quis dizer: **an excuse to refuse the leadership**.

Ora, registrando o ano e o lugar da morte de Xenofonte, a saber Ol. 105, 1 e a cidade de Corinto, aponta Diógenes (II 56) os autores dos quais recolheu êstes dados, respectivamente Ctesiclides de Atenas e Demétrio de Magnésia. Todavia, no tópico reproduzido **in initio**, ao mencionar-lhe a idade, que não é elemento de menor valia, nada diz sôbre a fonte donde a obteve, limitando-se, como vimos, àquela expressão metafórica do número de anos. Significa isto, a meu ver, que se reportara a um informe corrente, aceito aos de seu tempo e de fácil identificação. Outro não há de ser que não o constante do tópico da *Anábasis* transcrito supra, onde, falando aos locagos de Próximo, por êle convocados, Xenofonte faz expressa referência à própria *ἀκμή*, ao mesmo tempo que se declara pronto para aceitar o comando dos mercenários que haviam sido dêste.

Se essa alusão quisse realmente dizer achar-se êle em condições de opor que seus poucos anos lhe aconselhavam não aceitar a investidura, seria então muito de admirar que o Laércio não houvesse percebido quanto essas palavras contrariavam os quarenta anos que lhe atribuía. Não será menos árduo admitirmos que o biógrafo do autor da *Anábasis*, não conhecesse a *Anábasis*. Mas, ainda que uma dessas duas suposições fôsse aceita, **gratia argumentandi tantum**, nem assim se manteria o argumento da idade como pretexto, pois aquelas palavras de modo algum autorizam a versão formulada por Masqueray. Lá não se diz que, se os mercenários escolhessem Xenofonte por comandante,

êste não invocaria seus verdes anos como excusa e assim se esquivaria ao encargo. O que êle afirma é que a idade não lhe servirá como desculpa para erros ou imprudências, pois com os quarenta anos a que chegara, acredita estar em condições de prevenir os perigos que impedem àquela duríssima investidura. Por outros tērmos, a oração *προφασίζομαι τὴν ἡλικίαν*, **absolutamente não invocarei a idade como pretexto**, não se completa com nenhum elemento subentendido e que equivalha p. ex. a **para recusar**, porém se une naturalmente à oração seguinte, **mas até acredito encontrar-me, com êstes quarenta anos, na plenitude (dos meus recursos) (ἀκμάζειν) para remover as dificuldades que encontrar (ἀπ' ἐμῶν τὰ κακά)**.

A elipse perfilhada pelo grande mestre francês e subentendida em Brownson não tem fundamento no texto. Menos o tem no contexto, pois não é crível que, depois de sugerir o próprio nome para comandante, declarasse Xenofonte, logo em seguida, que, se fôsse efeito, não recusaria o pōsto por defeito de idade. E' evidente que, para tal se inculcando, fazia ato prévio de aceitação e que, se aspirava ao cargo como demonstra seu proceder, não seria o primeiro a mencionar uma deficiência que só embaraço, não ajuda, naquele momento, lhe traria.

Em verdade, para se tirarem da grave conjuntura em que os haviam colocado o malôgro do pretendente e o trucidamento dos generais, era de mister para os mercenários que, nomeando substitutos aos chefes mortos, escolhessem homens de bom conselho, experiência e energia. O discurso então proferido por Xenofonte (III 1, 16 — 25) encerra quanto precisavam ouvir para emergirem da desesperança em que se tinham deixado mergulhar. Certo de que os dirigiria com acêrto e de que, assim, também êle próprio se salvaria, propôs-se aos capitães da tropa de Próximo para o lugar dêste. E, no fito de melhor os persuadir, tranquilizou-os quanto à idade, acrescentando que a madureza dos quarenta anos lhe dava a fé de que os conduziria a salvamento.

Não de pouca monta era essa alegação, porquanto, a não ser o prestígio que as suas próprias corajosas palavras lhe estavam granjeando, não apresentava êle outras credenciais. Recém-chegado ao coração do continente, não era, no exército de Ciro "nem general, nem capitão, nem soldado" (III 1, 4), mas subira como simples convidado do pretensor. Pois que não exercia na expedição nenhum pōsto de autoridade, nenhum ensêjo ainda tivera em que demonstrasse virtudes de dirigente. Foi com efeito a confiança que,

mercê do seu discurso, inspirou à tropa o fator que lhe entregou o comando desejado. E é muito de duvidar que, sem o argumento da madureza, da ἀκμή, tivesse conseguido êsse objetivo.

*
* *
*

Os demais argumentos de Masqueray são, na mesma medida, destituídos de solidez.

A sugestiva descrição que se lê em III 4,44-9 depõe, sem dúvida, a favor do modo como Xenofonte sabia estimular pelo exemplo e obter dos soldados o rendimento necessário. Não nos impõe, porém, a admissão de sua pretendida juventude. Tendo tomado o escudo de Sotéridas de Sicião, escalava a montanha carregado dêsse pêso e do pêso da própria armadura. Entretanto, com dificuldade o fazia (μόλις ἐπόμενος). As mais provas de resistência e agilidade que deu no curso da retirada e das quais cita o eminente professor bordelês exemplos não escassos tôdas se explicam pelos hábitos fragueiros de nosso estratego, homem vigoroso e são, dado a cavalos e à caça graúda, como se vê em Diógenes (II 56), na *Anábasis* (V 3, 7-12) e se infere dos seus tratados sôbre eqüitação, sôbre o comando da cavalaria e sôbre cinegética. E é provávelmente para pôr em relêvo essa superioridade física que, com alguma frequência, salienta, na narrativa, as escolhas que faz de homens jovens, para o acompanharem em missões fadigasas. Nesta altura cumpre ter em mente o caráter apologético da *Anábasis* e do empêño que nela se percebe de fazer sentir quanto do êxito da retirada se deve às qualidades pessoais daquele ateniense que os de sua pátria não tinham querido apreciar com justiça.

Procurar identificá-lo com o moço Teopompo, que responde a Falino em II 1, 12, não se me afigura tese defensável. Basta para condená-la a circunstância de que, depois de reagir à intimação do comissário dos persas, afasta-se Clearco do lugar, deixando a palavra aos outros “comandantes” (ἄοδρες στρατηγοί). A Xenofonte, que não tinham ainda sequer a qualidade de locago, não assistia título para ali se fazer ouvir (3).

Menos ainda deve ser identificado com o jovem que raciocina sôbre o plano de Tissafernes referido em II 4, 11. Xenofonte acabara de designar-se pelo próprio nome, segundo observa também Masqueray (o. l., p. 109). Não se en-

(3). — Há, nessa resposta, ao mesmo tempo, ingenuidade e arrogância, em medida capaz de justificar o escárnio de Falino. Xenofonte, que escreveu a *Anábasis* muito mais tarde, não se apresentaria sob luz tão desfavorável. Em verdade, só a sedução da circunstância de ser Teopompo também ateniense pode explicar, em crítica muito superficial e apressada, a lição dos mss. deteriores citados por Masqueray (o. l., p. III).

tende por que, seguida, fugiria à responsabilidade daquela reflexão, cuja lucidez e procedência a ninguém traria deslustre. Mas, se, não obstante, ainda se pretenda que dêle foi aquela resposta a êste raciocínio, temos então claro que se quis ocultar, lá, com a mudança de nome, aqui sob o anônimo. O *νεανίσκος* empregado num e noutro tópico não pode constituir, portanto, senão um elemento que favoreça, não que traia a ocultação: uma qualidade que desdiga da verdadeira pessoa e a disfarce. Em suma, um atributo falso.

Não diminui o crédito do Laércio aquilo que nos diz em II 59, de haver alhures também recolhido que Xenofonte tivera a *ἀκμή* pela 89.a Olimpíada. O adv. *ἀλλαχόθι* de que aí se serve exprime exatamente, segundo entendo **outra fonte** que não o supra-citado tópico da **Anábasis**. Preferiu-o com razão evidente. Era indiscutível a superioridade da informação, porquanto emanada do próprio sôbre quem escrevia.

Não vejo, doutra parte, como se há de ter por certo que se enganou o biógrafo dos filósofos ao narrar (II 22) ter Sócrates socorrido ao seu futuro discípulo na batalha de Délio, travada em 424. Xenofonte devia contar então 16 ou 17 anos e, nessa idade, é certo, não se achava ainda sujeito às obrigações militares, as quais começavam aos 18 para serviço no país e aos 20 para fora do território da Ática. Mas, jovem de rija corporatura, podia, sem dúvida, já por êsse tempo lidar como voluntário da cavalaria, arma a que pertencia seu pai Grilo. E não é indício da sua juventude e inexperiência o ter caído do cavalo (*ἀφ' ἵππου πεσόντα*) durante a refrega? Melhor é, pois, dar que tivesse, nessa ocasião, idade inferior ao mínimo legal do que supor que mentiu, fazendo-se passar por mais moço, quando, na primeira metade do ano Ol. 94.4, induziu a que o elegessem os locagos do seu falecido amigo. Foi possivelmente êsse madrugar na carreira das armas que deu origem à versão, não acolhida pelo Laércio, de que nascera muito mais cedo, entre 16 e 20 anos antes de 440. E quando Platão, na **República** V 14, propõe que sejam os adolescentes, quando robustos, levados pelos pais aos combates (*ἄξουσι τῶν παίδων εἰς τὸν πόλεμον ὅσοι ἄδρῳι*), a fim de que, a êstes assistindo, aprendam o ofício da guerra, e os figura dextros cavaleiros, montados em corcéis dóceis e rápidos, sob a guarda de chefes amadurecidos, com os quais se colocarão em segurança, se o perigo o exigir (*ἂν τι δέη σωθῆσονται*), dir-se-ia que o inspirava aquele episódio da primeira juventude do seu condiscípulo.

E' possível que, para o incidente, se tenha Diógenes informado em Estrabão (IX 2, 7). Mas não creio que haja o geógrafo confundido o caso de Xenofonte com o caso de

Alcibiades em Potidéia, na Macedônia (432). Lá fora êste, quando ferido, salvo por Sócrates, seu companheiro de tenda. Em Délio, ao contrário, Alcibiades, combatendo como cavaleiro, protege a retirada de Sócrates, pedestre, segundo se lê em Plutarco (Alc. VII). Nessa situação foi que o filósofo se deteve e levantou Xenofonte, derribado do cavalo. Note-se que em 432 Alcibiades ainda não contava vinte anos, pois era nascido em 450.

A idéia da confusão dos dois episódios, que Masqueray adota (o. I. pp. 4-5), afigura-se-me de todo infundada. Têm êles de comum a circunstância de em ambos figurar Sócrates, num intervalo de oito anos, salvador de dois jovens atenienses. Mas as circunstâncias são, conforme se vê, diversísimas para os dois salvamentos.

ALUIZIO DE FARIA COIMBRA

Professor da Cadeira de Língua e Literatura Grega (U. S. P.).

S O M M A I R E

Socrate a bu la cigüe entre février et juin 399 a. C., peut-être le 7 mai, c'est-à-dire dans la seconde moitié de l'année Ol. 95.1. Cette année olympique avait commencé en juillet 400. En septembre 401, donc dans la première moitié de l'an Ol. 94.4, Xénophon, en parlant aux soldats de Proxène le Béo-tien, s'est déclaré âgé de quarante ans. C'était au cours des mois précédents, mais avant la mi-juillet, que, chevauchant aux côtés de Cyrus, il avait accompli la montée, l'*anabase* qui a donné son nom à l'oeuvre, si justement fameuse. Cette opération n'a pas duré jusqu'à l'année olympique suivante, puisqu'en juillet toutes les hauteurs avaient déjà été franchies; ele a donc été achevée dans l'année antérieure au commencement de l'année olympique de la mort le Socrate, non "un an avant la mort", comme Masqueray et Genaille l'ont écrit, ni "the year before the death", comme l'a dit Hicks. Ils n'ont pas compris Diogène Laërce en cet endroit et l'ont traduit inexactement.

Xénophon n'a pas employé le nom *ἀνάβασις* pour signifier "expédition", mais précisément la montée du Taurus et peut-être aussi l'ascension des terres situées entre le golfe d'Issos ou Myriandros et l'Euphrate. Par extension, ce mot en vint à désigner toute la marche de Cyrus contre son frère, jusqu'à Cunaxa, et plus tard, dans l'*Anabase* d'Arrien, la campagne d'Alexandre contre le Grand Roi.

L'allocation de Xénophon aux soldats de son ami assassiné contient un élément positif et précis pour la détermination de son âge. Les arguments de Larcher, quelquefois répétés et récemment réédités par Masqueray, qui cherchent à montrer que notre stratège n'avait pas encore quarante ans, n'offrent aucune solidité et semblent prendre naissance dans une fausse intelligence de ce même discours. Il faut remarquer que Diogène a enregistré, mais n'a pas adopté la version selon laquelle Xénophon serait né dans la quatre-vingt-neuvième Olympiade. On basait sans doute cette chronologie sur le fait qu'il avait pris part à la bataille de Delium, livrée hors de l'Attique, en 424. Tombé de cheval pendant le combat, Xénophon avait été relevé par Socrate. Platon avait probablement en mémoire cet épisode de la vie son condisciple, quand'il proposa dans la *République* (V 14) que les enfants, montés sur des chevaux dociles et rapides, assistent aux combats, près des chefs murs et prévoyants, qui veilleraient à leur sécurité, en les faisant fuir aussitôt que le danger l'exigerait.

S U M M A R Y

Socrates drank the hemlock on a certain evening of the spring of 399 b. C., perhaps on the 7th. of May, that is to say in the second half of Ol. 95.1; in September of 401, then in the first half of Ol. 94.4, speaking to Proxenus' soldiers, Xenophon declared himself to be forty years old; and it was during the preceding months, but before the middle of July, that he, at the side of Cyrus, the son of Darius and Parysatis, had accomplished the ascension, the *anabasis* which gave its name to his work as rightly named. This operation did not reach the next olympic year for in July all the heights had been crossed. Therefore this occurred one year before the beginning of the Olympic year of Socrates' death, not "un an avant la mort", as Masqueray and Genaille wrote, nor "in the year before the death", as Hicks said. These authors misunderstood and translated inexactly Diogenes Laertius at this point.

Xenophon did not use the name *ἀνάβασις* to mean "expedition", but just the ascension of the Taurus and perhaps also the ascension of the lands situated between the gulf of Issus or Myriandros and the Euphrates. By extension, this word came to designate the whole march of Cyrus against his brother, until Cunaxa, and later on, in the *Anabasis* of Arrianus, the whole campaigns of Alexander against the Persian empire.

Xenophon's allocution to the soldiers of his murdered friend contains a precise and positive element for the determination of his age at that moment. The arguments at first presented by Larcher, repeated by others and recently reedited by Masqueray have not any solidity and they seem to be born from an imperfect intelligence of that passage of the historian of the Ten Thousand. It is necessary to notice that Diogenes registered, but he did accept the version according to which Xenophon was born in the 89th. Olympiad. This chronology was probably based on the circumstance that he took part in the battle of Delium, engaged in 424, out of the Attic territory, and where he fell from his horse and Socrates lifted him up). Perhaps having in memory this episode of the youth of Xenophon, Plato in *Republic* (V 14) proposed that the boys, on docile and rapid horses, should be present at the combats, next to mature and prudent chiefs, who would watch their security and urge them to flee as soon as danger demanded.